



Globalizemos a luta!  
Globalizemos  
a esperança!

Quatro meses no Brasil  
LAG Noruega, 2015

# Brigada de solidaridade

Fevereiro 2014, 9 jovens noruegueses fomos pro Brasil com o objetivo de conhecer melhor a vida política no Brasil, a vida no campo e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) – o nosso parceiro principal durante os quatro meses que passamos no Brasil.

O nosso primeiro encontro com o Brasil e o MST foi impressionante. Chegamos justo para o sexto Congresso Nacional do MST em Brasília, com 15 000 participantes do país inteiro. Com mística, discursos, manifestações, música, uma língua nova, novos amigos, novos alimentos e mais, havia muitas impressões. Um começo incrível!

Continuamos a nossa estadia no Brasil na Escola Nacional de Florestan Fernandes, a escola nacional do MST em São Paulo. Através de aulas, discussões e programa político, fomos conhecendo MST e outros movimentos sociais, as lutas e as suas histórias.

Em seguida, viajamos para o estado de Mato Grosso e a escola Olga Benario. Aprendemos sobre a história local e a organicidade local do MST. Hoje Mato Grosso é fortemente caracterizada pela agricultura de monocultivo orientada para a exportação com um alto uso de agrotóxicos. Nós abordaríamos estas questões ainda mais nos assentamentos onde ficamos; 12 de Outubro, Roseli Nunes, Antônio Conselheiro e Margarida Álvares. Além de aproximar-nos às consequências do sistema capitalista para as famílias assentadas, fizemos amizades e construímos lembranças para a vida.

Nesta revista queremos compartilhar algumas das nossas experiências e conhecimento adquirido, coisas que aprendemos durante nossos quatro meses no Brasil. Entre artigos sobre os nossos encontros com o MST e famílias camponesas no Mato Grosso, temos um foco na produção de soja. Sabemos que 80% da soja consumida na Noruega é importada do Brasil, principalmente do Mato Grosso. A soja não é apenas um problema no Brasil. Os agricultores noruegueses são também pressionados a comprar a soja brasileira para alimentar os animais, porque a produção local não consegue competir com o preço baixo da monocultura latifundiária da soja brasileira importada. Este é um dos muitos exemplos que mostra que as lutas políticas são internacionais. Com novas experiências e sabedoria nós continuamos a divulgação das informações aqui na Noruega e continuamos na luta. “Globalizemos a luta, globalizemos a esperança”!

Boa leitura!



## Conteúdo

Brigada de solidaridade	2
Conteúdo	3
LAG Noruega	4
As brigadas do LAG	5
O poder do solo	6
Mobilização em Mirassol D'oeste	9
Se o chamado é forte, a nossa luta continuará...	12
Os chefões difíceis	14
“Para os nosso mortos...”	16
Fotos	18

## TEMA: SOJA NO BRASIL

Assistência de saúde na terra da soja	20
A estrada de soja	22
Soja - do Brasil para a Noruega, por quê?	24
Um por todos! Todos por um!	26
Qual é a luta que dividimos?	28
Fotos e agradecimentos	30

## Editorial:

Hedda Østgaard  
Henrik Jarlholm  
Ingrid Imingen  
Marie Hella Lindberg  
Lars Aalborg Vangli  
Kaur Grønlien  
Kine Rua Tangen  
Ida Blom  
Bendik

## Contatos:

marhellin@gmail.com

## Mais informações:

<http://www.latin-amerikagruppene.no//Portugues>

Esta revista é dividida sob licença Copyleft. Isto significa que qualquer copiar livremente, distribuir e editar o conteúdo da carta, contanto que não especifica onde encontraram o original e não fazer dinheiro com isso.

Todas as imagens são tomadas da brigada salvo indicação em contrário.



Latin-Amerikagruppene  
i Norge (LAG)

# LAG Noruega



**Latin-Amerikagruppene  
i Norge (LAG)**

O Comitê Norueguês de Solidariedade com América Latina (LAG) trabalha para divulgar informações alternativas sobre a realidade na América Latina e apoiar os povos que lutam por um futuro melhor.

O LAG foi fundado em 1977 e tem o objetivo de divulgar informações sobre a situação social e as lutas sociais na América Latina. O LAG trabalha com o povo em geral, os ativistas políticos e a mídia em particular. Queremos participar ativamente nos debates na sociedade sobre os acontecimentos na América Latina. Cada ano LAG convida companheiros/as dos movimentos parceiros para informar em Noruega sobre a situação nos seus próprios países e participar em discussões sobre questões atuais no continente.

Através de acordos bilaterais ou globais, ajuda externa e atividades econômicas e financeiras, o Estado norueguês influencia o desenvolvimento na América Latina. LAG luta para que as instituições norueguesas contribuam para um desenvolvimento que os próprios povos e movimentos sociais latino-americanos desejem, e contra das atividades que causem danos nas suas vidas. O povo latino-americano tem o direito de escolher o seu próprio caminho.

## Articulações na América Latina

O LAG apoia as lutas dos movimentos sociais contra o capitalismo, as guerras, a violação dos direitos humanos, a discriminação e o mercado

livre, e para uma democracia real. Um tema fundamental para LAG é o controle popular sobre os recursos naturais. O LAG tem articulações com movimentos indígenas, sindicatos, movimentos camponeses, mulheres e outros movimentos populares. Os nossos parceiros e lutas com afinidade são MST, Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil, Conavigua da Via Campesina da Guatemala, CNA de Colômbia e as comunidades zapatistas em Chiapas, México e Movimento Comunal na Nicarágua. O LAG também tem bons contatos com várias movimentos e organizações na Bolívia, El Salvador, Uruguai e Venezuela.

## A organização

LAG é baseado no trabalho realizado pelos ativistas voluntários, organizados em grupos locais no país inteiro, também tem grupos que trabalham com temas ou países particulares entre outros tem um grupo de mulheres bem forte. O LAG produz livros e artigos, uma revista para os membros da organização; organiza seminários e debates e também trabalha em redes, faz campanhas nas ruas e escrevem pronunciamentos.



Livro produzido por LAG:  
“Soluções latino-americanas”

# As brigadas do LAG

Cada ano o LAG organiza várias brigadas entre Noruega e países na América Latina como também entre países parceiros na América Latina.

## Brigadas norte-sul

O projeto das brigadas começaram com brigadas de norte para sul em 1979. As primeiras brigadas da Noruega foram para Nicarágua durante a revolução e a guerra civil que seguiu. Os objetivos dessas brigadas eram de mostrar solidariedade com a população e ajudar os camponeses de continuar sua produção ainda se muitas deles estavam lutando na guerra. Durante aquele tempo foram mais de 100 noruegueses para Nicarágua para apoiar os sandinistas (FSLN) e trabalhar com os camponeses. Em 1988 o LAG parou de dar apoio diretamente ao governo sandinista, e começou apoiar o movimento camponês, UNAG.

Em 1997 o LAG percebeu que não era mais necessário ajudar com trabalho nas roças, então mudamos o modelo para em diante focar mais na divulgação de informações sobre a situação e as lutas na América Latina.

## Brigadas sul-norte

As brigadas do sul-norte começaram em 2005, os objetivos dessas brigadas e que os participantes dos movimentos parceiros vêm para Noruega, e junto com LAG divulgam informação na Noruega sobre a situação e as lutas no país deles. Outro objetivo é que os brigadistas aprendam sobre as lutas históricas e atuais na Noruega.

Esperamos que as experiências internacionalistas sejam úteis nas lutas nos seus próprios países.

No 2014 tinha quatro pessoas do Brasil, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Noruega participando no projeto da brigada. Andreison de Araújo passou 3 meses na Noruega, ele explicou que durante o tempo ele aprendeu bastante sobre a situação política e econômica na Noruega. Andreison também explica que o foco principal deles foi questão da soja. Explicando para pessoas as grandes consequências para os camponeses brasileiros, da grande importação de soja em Noruega. Ele diz que a melhor experiência dele na Noruega foi todos os encontros com outros movimentos e organizações, trocando ideias e experiências.



Andreison de Araújo fazia parte da brigada de MST que foi para Noruega

## Brigadas sul-sul

Depois de muitas experiências boas com as brigadas, o LAG em 2009 começa facilitar o intercâmbio direto entre as organizações parceiras na América Latina. O objetivo nestes intercâmbios é fortalecer as redes de solidariedade e a formação política entre os jovens de organizações de base na América Latina.



Agricultura é mais que apenas a produção de alimentos.

Henrik Jarholm

É o começo da manhã no acampamento do MST chamado Antonio Conselheiro, na região oeste do Mato Grosso. Na casa do Valter e da Jandira há muitas coisas a serem feitas. Os porcos vão ser alimentados com milho, as vacas ordenhadas, o arroz vai ser cozido para os cachorros e depois de uma xícara de café com muito açúcar, como os brasileiros gostam, vamos rumo ao campo.

Diferentes dos latifúndios ao redor, no acampamentos são os 'campesinos', pequenos agricultores, que trabalham para sua própria sobrevivência. O acampamento é quase 100% auto-suficiente, produz tudo que precisa. Aqui são plantadas mandiocas, batatas, abóboras, cana-de-açúcar, arroz, milho e uma grande variedade de frutas como banana,

mamão, laranja e abacaxi. O Valter trabalha quase que exclusivamente com a produção de leite e vende uma parte dessa produção. Uma parte do leite é destinado para o queijo e o doce de leite feitos pela Jandira.

A agricultura global possui várias funções e é controlada por diferentes acordos. Primeiramente, a função natural da agricultura é a produção de comida, mas ela também representa a questão ecológica; a proteção da biodiversidade, dos recursos hídricos, do solo e do clima. Além disso existe a questão social: a cultura e a tradição, a distribuição da terra, saúde e as diferentes maneiras de se cultivar a terra. A agricultura é também um estilo de vida. O que motiva o Valter e a Jandira não é o lucro, e sim o estilo de vida de pequenos

agricultores, que faz parte da identidade cultural cultivada por eles. Eles preferem produzir a sua própria comida em vez de comprar tomates cheios de veneno ou frango que foi alimentado com ração transgênica. Uns dos objetivos principais da produção de alimentos é o lucro e o poder. Para o Valter e para a Jandira o objetivo é ter autonomia sobre as suas rotinas.

No campo as coisas não vão de vento em popa. Os grandes latifúndios destinados a monocultura, usam na maioria das vezes sementes geneticamente modificadas. Grandes empresas patenteiam essas sementes e modificam algumas das suas características. Por exemplo, algumas sementes são modificadas para aumentar sua

proteção  
contra insetos.

O resultado  
desse processo  
é que os agricu-  
ltores são forçados  
a comprar sementes

dessas empresas, enquanto as sementes tradicionais quase que desaparecem. As plantas dessas sementes modificadas são esterelizadas, fazendo com que seja necessário a compra de novas sementes a cada novo cultivo. É dessa maneira que as grandes multinacionais roubam o controle sob as sementes e começam a controlar, cada vez mais, várias etapas da produção.

O Valter cultiva as suas próprias sementes, e pode dessa maneira retirar várias colheitas de cada uma delas. Enquanto os grandes latifúndios destroem várias espécies

tradicionais ao cultivar no sistema da monocultura, os pequenos agricultores tem um papel essencial na proteção da diversidade biológica das espécies. Valter não usa nenhum agrotóxico e prefere usar métodos alternativos. Ele conta que o uso de fumaça, urina de gado e chili tem um bom efeito na proteção das plantas. Outro problema com a monocultura é que grandes extensões de terra não podem ser ocupadas, precisam de um período de descanso, depois do uso por culturas como a banana ou o milho que exaurem a terra de todo o nitrogênio deixando o solo extremamente pobre em nutrientes. Valter não pode deixar a terra descansar, pois ele depende do próprio cultivo da terra. Por isso, entre as bananeiras e os pés de milho, ele planta feijões,

que ajudam a  
estabilizar  
os níveis de  
nitrogênio  
na terra.  
Mesmo na  
pequena

propriedade que ele possui, a  
produção da terra é grande.

Pela proximidade diária com a terra, os pequenos agricultores representam também muito do conhecimento de tudo que cresce e floresce. Enquanto caminhos pela terra ele me explica muito sobre os efeitos medicinais das plantas. Uma planta é usada para curar mordidas de insetos, a outra é feito um chá para dor de cabeça. Esses conhecimentos são muitas vezes considerados como crendices, mas é exatamente aqui, na região amazônica, a origem de boa parte da medicina moderna.

Uma farmácia mais barata que essa é impossível de se encontrar. Ao contrário do cultivo e uso de pequena escala feito pelos agricultores familiares, as plantações de soja do alto das suas colheitadeiras nos alienam e nos distanciam ainda mais da terra.



Os produtores no Antonio Conselheiro plantam feijões entre as bananeiras e os pés de milho. Isso ajuda estabilizar os níveis de nitrogênio na terra.

Para os sem-terra a maneira como é feita a divisão da terra faz também parte da identidade coletiva de pequenos agricultores construída pelo grupo. Todos dentro do assentamento receberam exatamente a mesma quantidade de terra do INCRA. Toda a extensão do assentamento foi dividida em 36 agrovilas, onde vivem entre 10 e 15 famílias. As agrovilas colaboram para uma melhor interação entre o grupo e para um aumento no sentimento de pertencimento a uma vizinhança.

Várias vezes durante o dia recebemos a visita de Ercoles, um menino de 7 anos com vários dentes de leite e que fala pelos cotovelos. Ele acompanha com cuidado e tenta aprender tudo que o Valter faz. A mãe dele, a Wanda, também nos visita com frequência para tomar uma xícara de café. Tão importante quando cultivar a terra é tirar um tempo para papear com os vizinhos. Para os pequenos agricultores a importância do seu trabalho não é medido na quantidade de alimento ou lucro. Ele é medido pelos seres humanos, pela qualidade de vida e pela sustentabilidade.



Henrik da Brigada da Noruega ficou três semanas junto com Jandira e os outros camponeses para aprender sobre a produção dos pequenos agricultores - sem agrotóxico e com métodos alternativos.

## Mobilização em Mirassol D'Oeste

Hedda Østgaard

Durante um quente dia de inverno em maio, marcharam mais de 100 sem terras para cima e para baixo nas ruas de Cáceres, uma pequena localidade na cidade de Mirassol d'Oeste, no oeste do Mato Grosso. A mobilização era necessária para a efetivação das reivindicações dos pequenos agricultores sob o direito à terra, lar, vida e futuro. Não eramos muitos, mas fazíamos parte de um pequeno grupo de uma grande luta, e pessoas de todas as idades das ocupações e assentamentos no estados participaram. Nos mobilizamos pelo futuro dessas pessoas.

Nós somos muitos, com diferentes reivindicações que nos unem em uma marcha comum. Pessoas, dos acampamentos Roseli Nunes e Margarida Alves e das ocupações Silvio Rodriguez e Cássio Ramos, chegaram cedo à cidade. Ninguém faz corpo mole quando o MST está mobilizado para a luta. Às 7 da manhã já estavam todos prontos, depois de uma viagem de cerca de 3 horas saindo do assentamento.

A primeira parada e o primeiro bloqueio são na autoestrada. Aqui param caminhões cheios de grãos, matéria-prima do agronegócio, que são parte dominante do tráfego nas estradas de todo o estado. O tamanho dos veículos é avassalador e eu tenho a sensação de que para nós, uma pequena multidão em vermelho, é impossível ficar de pé por muito tempo sem sermos esmagados pela dominante grandeza dos caminhões. Depois de um tempo nos movi-

mentamos novamente, e o tráfego de veículos prossegue seu curso. Eu tenho certeza que mais de 1000 caminhões passam diariamente por essa estrada, e o fazem numa velocidade perigosa. Um companheiro, que também está na mobilização, me conta que os caminhoneiros precisam dirigir noite e dia para receber o mínimo salário que mantém sua subsistência. Dirigir rapidamente traz a possibilidade algumas horas extras de sono. Na boleia, os caminhoneiros são um grupo, entre muitos, que se beneficia dos prazos e da pressão de um mercado capitalista internacional.

As caixas de som participam ativamente da marcha e deles saem as conhecidas músicas do MST, palavras de ordem e apelos são feitos pelo público. Nós marchamos para cima e para baixo na rua, com bandeiras, bonés e camisetas vermelhas. Os alto-falantes bradam sobre uma



hidrovia que será construída para o transporte de matérias-primas do agronegócio através do rio Paraguai desaguando no oceano e ligando a região aos centros de poder como a Europa e a China. O rio Paraguai corre através da cidade onde estamos e mais ao sul, atravessa o Pantanal, região de grande biodiversidade. O rio continua através do Paraguai e desagua no mar em terras argentinas. O agronegócio tem grandes planos para esse rio. Eles querem construir uma hidrovia que transportará a soja e outros grãos, do Mato Grosso através do oceano, para os mercados

capitalistas do mundo. A hidrovia pode trazer consequências catastróficas para os peixes, animais e para as pessoas da região. Várias gerações de famílias que viveram todas as suas vidas no Pantanal correm perigo de ser expulsas de seus lares pelo desenvolvimento do comércio internacional e da poluição.

Nós continuamos marchando. O sol fritou nossas testas suadas e eu começo a escutar algumas reclamações, as pessoas estão cansadas mas nós não fizemos nenhuma parada na nossa marcha. Nós chegamos na universidade pública de

Cáceres, UNEMAT, uma de muitas no Mato Grosso. Um pequeno grupo vai entrar na faculdade para uma conversa com pesquisadores e estudantes, sobre um relatório sobre o Pantanal e a mineração no Roseli. Esse acampamento está ameaçado por um projeto de mineração que não quer compensar a população local, buscando apenas gerar lucro para a empresa mineradora através da extração de metais, principalmente ferro, nas terras dos assentados. Os moradores vão perder seus lares e meios de subsistência caso o projeto seja efetivado. A UNEMAT, ao publicar relatórios e estudos, pode ajudar a chamar atenção e conscientizar as pessoas da importância de se preservar biomas naturais, protegendo assim a vida de animais e seres humanos.

Cansados, suados e famintos continuamos a marchar. A última parada é na sede do INCRA. Na chegada nos somos encontrados com portões cadeados. Será que eles fecharam porque sabiam que nós estávamos chegando? Portões trancados não parecem ser um impedimento. Alguns pulam a cerca e conseguem, através da mágica, abrir os portões para todos os outros. Na sede do INCRA em Cáceres, é o MST que tem o domínio. A sede é tomada por sem terras, que passando por cima de máquinas de café e rolos de papel higiênico, exigem seus direitos. Uma multidão avança porta a dentro enquanto várias painéis são colocadas sobre as mesas. Num piscar de olhos temos uma fila de 50 metros, composta por pessoas esperando para se servir, dentro do apertado escritório

do Incra.

Os sem-terra de Cássio Ramos querem começar um processo no Incra. Eles desejam estabelecer seu assentamento em dois latifúndios, de posse de fazendeiros, no estado do Mato Grosso. Por diferentes razões, as duas extensões de terra estão em processo de venda, só não se sabe para quem. Para assegurar o seu direito à terra o MST pressiona para que a propriedade seja comprada pelo INCRA e distribuída entre aqueles que precisam dela. Quando o MST luta pelo seu direito à terra, eles não fazem nada mais que cobrar que a constituição seja seguida. Os manifestantes buscam pressionar o INCRA de maneira que o processo ocorra o mais rápido possível. A necessidade de moradia e de um futuro justo parece não significar muito em um mundo controlado por burocratas e políticos corruptos. A luta pela terra não é fácil, na maioria das vezes os processos levam mais de 5 anos.

Depois do almoço um grupo de pessoas entra no escritório. Eles vieram buscar a verba prometida para a construção de casas na ocupação Silvio Rodriguez. A área foi ocupada a 12 anos, sem nunca receber a verba que havia sido prometida. Parece que o INCRA é tão pobre quanto os pequenos agricultores. A espera e a luta contra um sistema burocrático e corrupto continua.

Essa é a luta dos pequenos agricultores contra o poder do capital.

INCRA: Fundado em 1970, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, é uma autarquia federal para executar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União.

## Se o chamado é forte, a nossa luta continuará e se criará na nossa prática

É um chamado forte o suficiente, você vai avançar, e a luta mostra a maneira. O MST acredita que a educação sempre existiu em um contexto maior, e essencialmente pode ter duas funções opostas: manter o status quo ou transformar. A educação formal trabalhar para reforçar as condições sociais já existentes e é uma arma no modelo hegemônico mundial, que o MST deseja transformar. O MST deseja uma educação que esteja profundamente ligada com a maneira que eles desejam que a sociedade se pareça como um todo. Eles trabalham para conectar os projetos de educação com a luta para uma transformação social nacional e o socialismo na área rural.

Bendik

Desde que o MST é um organização feita por e para agricultores, é natural que os princípios pedagógicos sejam fundamentados a partir de uma cultura rural. A educação é construída a partir da própria vida e experiências dos seus membros, e devem ser relevantes e semelhantes com o estilo de vida, cultura, relacionamento com a terra e meios de produção, meio ambiente, lutas, etc. Para o MST é importante confiar na vontade, energia e capacidade das pessoas na remoldagem da realidade do capitalismo. Nesse processo, percebeu-se que a experiência da luta e o fazer diário dessa luta é também uma forma de aprendizado. É possível acumular experiência através da vivência da luta na prática. Além disso o MST é interessado em combinar sua própria experiência com a sabedoria de outros. Alguns autores são importantes o MST, como Paulo Freire e sua “pedagogia do oprimido”, Antonio Gramsci e sua teoria de hegemonia cultura e foco em grandes alianças, Mao Tse-Tung e a revolução

cultural, assim como o método de crítica e auto-crítica e o foco no conhecimento popular em detrimento ao conhecimento institucional e especializado, Istan Meszaros “ Educação para além do capital, entre outros. Através da educação eles desejam remoldar a cultura, os valores e as formas de trabalho baseados por um humanismo revolucionário.

A educação deve ser aberta, crítica, criativa e deve lutar contra os preconceitos e a arrogância. Ela deve criar um sentimento de camaradagem. Eles não querem um sistema de avaliação e de classificação baseado auto-afirmação individual e aprendem portanto a não priorizar seus próprios privilégios, a sua assertividade ativa e participação subjetiva, sendo responsável pelo desenvolvimento próprio e ou outros benefícios egocêntricos. Para o MST é importante combinar o individual com o coletivo em um desenvolvimento único. A educação formal estabelecida, a cultura de favores no

meio acadêmico e a cultura individualista, não une o conhecimento individual junto com a realidade das massas, e com certeza não se associa com o propósito de mudança. O conhecimento popular precisa, ao contrário, ser útil se posto em prática na realidade social e na luta socialista, para funcionar como ferramenta para a mudança das relações factuais. Por isso a educação e o trabalho precisam ser duas faces da mesma moeda. É preciso que exista um relação profunda entre teoria e prática, essas duas precisam funcionar juntas. Dessa maneira o processo escolar é combinado com o trabalho prático. Se busca uma estrutura plana, com uma participação coletiva, onde todos avançam. Esse é um princípio importante que é válido para toda a organização onde se deseja promover uma liderança ampla e não líderes. Um ambiente onde não se passa por cima dos outros, mas também não se deixa ser sujeito.

O processo educacional deve ser amplo e livre. Não se sujeitar as quatro paredes da sala de aula. Esse é um processo que não pode ser centralizado apenas em várias escolas, mas por um desenvolvimento holístico dos seres humanos através de toda a sua vida. Se deseja seres humanos ativos, auto-conscientes e pessoas independentes que aprendam sozinhas, e que ensinem outros que depois devem ensinar mais outros. A educação deve ser construída através de um desenvolvimento melhor e mais holístico dos seres humanos e da sociedade. Uma educação democrática que cria um ambiente. Sujeitos que desenvolvam seus próprios processos de desenvolvimento. A mística

é uma prática que exemplifica esse processo. Mística é uma espécie de teatro político que é muito usado. A palavra significa experimentar a parte não concreta da realidade. Pode-se dizer que é uma forma de realização do ardor revolucionário, é acerca da materialização de ideias. Uma maneira de criar uma relação entre você mesmo, a luta e a subjetividade ligada a um projeto mundial.



Mística com tema internacional.

O assunto está ligado ao coletivo. É um método de criação de uma nova subjetividade e cultura. É possível ficar inspirado e ver a inspiração em outras pessoas. A educação é como a luta, não é uma corrida solitária. Aqueles que lutam, não lutam apenas por eles mesmos. É uma ação coletiva: uma ação transformadora com uma dimensão coletiva, da mesma maneira que a educação. Não é suficiente que a luta ser limpa e justa, os que lutam precisam também estar limpos e juntos. Precisamos a todo mundo reconsiderar nos mesmo e nossos métodos. Não podemos nos tornar moralistas hipócritas e julgadores. É preciso estar aberto as críticas e tentar o tempo todo ser uma nova pessoa.



Eu e o Cauá desistimos, não importa qual power ranger que escolhemos, nos não conseguimos ser mais esperto que o chefão. Quando o relógio se aproxima da uma hora da tarde interrompemos a frustração, porque o Cauá tem que ir para a escola.

Lars Aalborg Vangli

Eu não tenho certeza qual caminho os power ranger tomaram para chegaram na vida do Cauá, mas o caminho que levou a escola para a vida dele foi a luta pela educação. Uma luta que foi trazida para o assentamento 12 de outubro e que o MST lutou, e continua lutando, com o objetivo de melhorar o acesso à escola nas áreas rurais em todo o Brasil. Na Noruega eu sempre participei de discussões sobre o porquê a educação é tão importante em país onde pessoas tem pouco acesso à educação, mas nunca em debates sobre o porquê países tem um sistema educacional ruim. No Brasil eu entendi o motivo disso. A elite da nação sempre colocou outras prioridades na frente da educação, durante o período colonial a elite sempre enviava seus filhos para estudar em Portugal. Depois disso, a igreja recebeu a responsabilidade pela educação e até os dias atuais o direito à educação foi reservado as elites e áreas urbanas. Um exemplo

disso é a constituição de 1988, que não possui um unico artigo sobre a educação em áreas rurais. No campo a prioridade tem sido as negociatas e a exploração dos recursos naturais. As pessoas que habitam na zona rural são muitas vezes vistas como um estorvo ou um impedimento do progresso. A consequencia disso é que as pessoas que vivem em áreas rurais sempre sofreram com grandes taxas de analfabetismo. A falta de acesso à educação leva muitos jovens a abandonarem o campo criando grandes contingentes de mão de obra de baixo custo nas cidades.

A escola do Cauá foi construída pelas moradores do assentamento com seus próprios recursos, em cima da base da casa do antigo latifundiário, feita com materiais precários durante a ocupação da terra em 2008. A escola continua de pé hoje. Os assentados travam uma batalha com a secretaria de educação do estado e com o município de Cláudia para retomar o trabalho na escola. O

primeiro avanço aconteceu quando a administração e a secretaria eram em Cláudia. Em 2011, no ano que o MST recebeu o direito pela terra, a administração, e com isso as decisões e os recursos relacionados à escola, foi transferida para a própria escola. A escola foi batizada como Escola Florestan Fernandes, em homenagem ao sociólogo e político brasileiro. É comum que as escolas do MST, localizadas em assentamentos, sejam batizadas em referência a indivíduos que inspiraram as lutas sociais e os princípios educacionais do MST. A intenção é estabelecer um sistema educacional nacional que some para uma aproximação crítica e social com a intenção de buscar um conhecimento novo e melhor, baseado em uma organização e liderança coletiva.

Enquanto espero o Cauá sair da escola eu converso com João Carlos, na secretaria da escola. Ele me conta que os professores tem completa liberdade para planejar as aulas da maneira que desejarem. As prioridades são debatidas e decididas nos encontros do “sala do educador”, onde os professores se encontram todas as quartas para planejar e criar suas aulas. Nesse mês o foco está concentrado nas populações indígenas e no Abril Vermelho. A intenção é reforçar a luta e dos companheiros que nos deixaram no massacre de Carajás, onde a polícia matou 22 sem-terras em uma ocupação em Carajás no dia 17 de abril de 1996. Na escola Florestan Fernandes a maioria dos professores participam do MST. Eles tem um acordo com a faculdade mais próxima, que permite que os

professores tenham a possibilidade de estudar em horários que são adaptados à rotina do assentamento, de maneira que a maioria já está formada ou cursando a faculdade. João Carlos conta que eles tem algumas dificuldades com professores provenientes da cidade, que não possuem conhecimento sobre o MST, socialismo e a vida no assentamento. “Eles ensinam da mesma maneira que eles fazem na cidade, onde os professor apenas trabalham, aqui é diferente. Aqui se conversa com os alunos de uma maneira diferente porque nos somos amigos deles, nos conhecemos a vida deles e nos preocupamos, nos somos vizinhos e moramos juntos. Eu, por exemplo, moro com três alunos”

As sete horas o Cauá volta da escola para ficar com a sua mãe. Durante o dia a escola tem aula para as séries iniciais e durante a noite as aulas são para o ensino médio e ensino de adultos. Os adultos tem a possibilidade de completar o ensino fundamental e o ensino médio ou apenas participar das aulas para absorver conhecimento. Muitas vezes esse é o primeiro contato de muitas pessoas com a educação formal, e adultos de várias idades participam. Segundo João Carlos, esse programa faz parte de um projeto do governo que da a possibilidade das pessoas de tirarem seus diplomas do ensino fundamental, que é uma das exigências dos empregadores. No assentamento o foco é oferecer conhecimento e educação para o povo oprimido. Por fim, nos resta ver se a educação vai ajudar o Cauá e o MST na luta para derrotar os chefões.

# “Para os nossos mortos, nenhum minuto de silêncio, mas uma vida de luta!”

O estado Pará é conhecido por ser um dos mais violentos contra movimentos sociais, mas mesmo lá o MST está presente. Uma ocupação de terra em especial ficou na memória das pessoas, a história que nunca vai ser esquecida.

Kine Rua Tangen

Existe uma ocupação do MST perto da cidade de Eldorado no Pará, apesar de estarem lá há muitos anos não faltam desafios e dificuldades, que vão da falta de alimentos até a falta de perspectiva e diálogo do trabalho feito com INCRA. Na esperança de conseguir pressionar o INCRA e agilizar os trabalhos o movimento decide fazer uma marcha até Eldorado. Não uma marcha curta e simples, é preciso caminhar vários dias até que eles cheguem ao seu destino, um trecho da estrada conhecido como Curva do S. Os Sem Terra bloqueiam a estrada e montam seu acampamento ao longo da mesma, eles estão preparados para negociar com o gov-

erno. A marcha e o bloqueio chamam a atenção da imprensa que enviam reportes para fazer a cobertura dos eventos.

Dois ônibus que transportavam 155 policiais militares se aproximaram de cada um dos lados do acampamento. O primeiro movimento da polícia ao chegar foi tentar o diálogo, a negociação é interrompida bruscamente pela própria polícia que passa a atirar nas 22 pessoas que elas já haviam julgado e condenado à morte. Eles não tinham certeza se os Sem Terra portavam armas, mas mesmo que eles tivessem não seria o suficiente para se protegerem. O saldo foi de 19 mortos na hora e 3 que faleceram



posteriormente no hospital. Apesar de local também se encontrarem mulheres e crianças, todos os mortos eram homens, o mais jovem tinha apenas 17 anos. A polícia desejava aniquilar com o MST e viu a chance de fazer isso assassinando aqueles homens. Nenhum policial militar foi morto ou sofreu qualquer ferimento.

Foi aberto um inquérito para investigar o massacre, onde a própria polícia militar iria investigar as suas participações no acontecimento. Não foi nenhuma surpresa que todos os policiais envolvidos na ação foram liberados sob a alegação que estavam seguindo ordens. Os dois capitães que lideraram o massacre e deram as ordens, foram condenados a prisão. Os dois capitães, auxiliados por seus advogados, recorrem a sentença e não precisaram cumprir a pena. Passados 18 anos o julgamento ainda não foi finalizado.

A maioria dos policiais, e os dois capitães, envolvidos estão hoje provavelmente vivendo alegremente em suas casas, pois na cadeia pagando pelas vidas que eles tiraram em 17 de abril de 1996 é que eles não estão. O fato de que ninguém foi punido pelo massacre colaborou para reforçar a ideia de que a morte de agricultores não é um problema, já que raramente esses atos são julgados e mais raramente ainda os culpados são punidos. Desde o final da ditadura, em 1989, 1600 agricultores foram

mortos, em 11 dessas mortes aconteceu um julgamento, mas nenhum dos acusados foi punido.

Em todo o Brasil, anualmente no dia 17 de abril o MST organiza uma manifestação em memória aos camaradas que se foram naquela data. MST, acampamentos e ocupações marcam e lembram essa data de várias maneiras. A brigada estava presente nesse 17 de abril e muitos de nós estávamos presentes nas celebrações.

**“A maioria dos policiais, e os dois capitães, envolvidos estão hoje provavelmente vivendo alegremente em suas casas, pois na cadeia pagando pelas vidas que eles tiraram em 17 de abril de 1996 é que eles não estão”.**

Alguns de nós participamos do bloqueio de estradas com pneus, com o intuito de conscientizar e informar

sobre o massacre. Infelizmente a manifestação teve que ser cancelada em função da forte neblina. A outra parte do grupo participou de uma mística onde foram colocadas 22 cruzes feitas de madeira, uma para cada pessoa, enquanto os nomes das vítimas eram chamados e os participantes respondiam ‘presente’. O MST não está sozinho nas suas manifestações do dia 17 de abril. Para honrar os 22 mortos a Via Campesina instituiu o 17 de abril como o dia internacional de luta dos pequenos agricultores. O MST não esqueceu o que aconteceu e trabalha para que a justiça seja feita em nome das famílias que perderam seus entes queridos, como pode ser visto nos panfletos que são distribuídos. O MST afirma ‘para os nossos mortos, nenhum minuto de silêncio, mas uma vida inteira de luta!’



A brigada ficou umas semanas na Escola Olga Benario e deixou uma lembrança: um mural pela Solidariedade Internacional!



As primeiras semanas no Brasil, a brigada passou na Escola Nacional Florestan Fernandes, aprendendo sobre o MST, a história do Brasil, teoria crítica e participando no dia a dia da escola, no trabalho militante e nas místicas.



Reunião na ocupação Che Guevara onde os acampados já tem anos lutando pelo direito da terra através e a Reforma Agraria.



A brigada visitou a comuna urbana Dom Helder do MST em São Paulo, onde os próprios comuner os construíram as casas em mutirão.



Visita na Quilombola Caçandoca. Aqui a brigada foi conhecer descendentes de escravos africanos que por séculos estão na luta pelo território.

## Assistência de saúde na terra da soja

A incidência de câncer na população em áreas onde agrotóxicos são usados em grande escala é três vezes maior que a incidência da mesma doença em áreas onde agrotóxicos são usados em menor escala. A cidade de Tangará da Serra é uma dessas áreas. Aqui se encontra o assentamento do MST que eu vivi.

Ida Blom

Um certo dia eu acompanhei minha mãe hospedeira no seu trabalho como agente de saúde e pude ver os problemas de saúde encontrados no assentamento. A dona Zizi me acordava e pergunta se eu quero acompanhar ela no trabalho de visita às pessoas. Eu vejo que Dona Zizi já estava pronta com seu material de trabalho esperando ao lado da carroça. Nós partimos antes do sol ficar muito quente. Um longo dia e várias famílias nos esperam. Cada família recebe a visita do agente de saúde uma vez por mês. Durante as visitas as famílias recebem, entre outras coisas, cloro para a limpeza da água, remédio para o estômago, paracetamol (analgésico) e camisinhas. Também são registrados os doentes, para um relatório mensal que é apresentado para o médico, que vem atender duas vezes por semana. Somos recebidas com carinho na primeira família, as visitas da Dona Zizi são sempre bem-vindas. Como de costume somos convidadas para tomar um café e ficamos um tempo conversando com os moradores da casa, antes de partir para a próxima família.

No caminho para a próxima família, a Dona Zizi me conta sobre as próximas famílias que vamos visitar.

Ela trabalha há vários anos como agente de saúde e conhece bem todas as famílias na região. Passamos por uma casa abandonada. “Aqui morava uma moça e seus três filhos, mas ela morreu em fevereiro”, a Dona Zizi me fala. Ela teve câncer no ovário e morreu pouco tempo após o diagnóstico. Câncer nos ovários, seios, próstata e testículos são comuns em áreas onde a população está em contato com agrotóxicos. A moça que faleceu descobriu muito tarde que tinha a doença e não sobreviveu. Em uma outra casa que vamos visitar mora uma mulher que teve câncer de mama. A muitos anos atrás ela descobriu um nódulo no seio e o retirou. Ela teve muito sorte por descobrir a doença no seu estágio inicial.

O assentamento é rodeado de plantações de soja. Na produção de soja são usados 12 litros de agrotóxicos por cada hectare de soja plantada. Também é comum que entre uma colheita de soja e outra, se plante algodão ou milho, que usam 24 e 6 litros de agrotóxico por hectare cada. Os prejudicados são aqueles que vivem ao redor das plantações. Quando agrotóxicos são usados não são apenas as plantas que são

afetadas, uma parte acaba sempre se espalhando pelo ar e pelo solo. Isso acontece especialmente quando o agrotóxico é aplicado a partir de aviões, o que é o caso na região que é composta basicamente por latifúndios, quando 70% do veneno fica no ar. A legislação brasileira impõe um limite de no mínimo 500 metros de distância do local onde o agrotóxico é usado e locais de preservação ou de captação de água. No estado do Mato Grosso esse limite é de 90 metros, e não é sempre que ele é respeitado.

As pessoas que habitam os arredores respiram ar e bebem água que foram contaminados pelos agrotóxicos. Essas pessoas registram três vezes mais câncer que pessoas de outras regiões, e essa pode ser a causa. Segundo uma pesquisa feita pela Universidade Federal de Mato Grosso, é possível que outros problemas de saúde, além do câncer, sejam causados pela exposição aos agrotóxicos. Doenças como asma, alergias na pele e abortos espontâneos não costumam ser registradas como consequência da exposição contínua aos agrotóxicos. Isso pode ter várias causas,

por exemplo, em um assentamento onde vivem 995 famílias o médico só atende duas vezes por semana, situação dividida pela maioria das pessoas que vive na zona rural. Outra causa pode ser que o médico não enxerga as consequências da exposição sofrida pela população.

“As pessoas que habitam os arredores respiram o ar e bebem a água que foram contaminados pelos agrotóxicos”.

No caminho de volta para casa, a carroça fica cheia de laranjas, maracujás,

ovos e alguns gatos. Em cada visita recebemos algo. O dia foi interessante. Fomos muito bem recebidas por todas as famílias, e eu não tinha bebido tanta café em apenas um dia. Apesar disso, o dia também foi assustador. Sentir na pele as consequências que a monocultura tem na vida das pessoas do assentamento causa uma impressão muito mais forte do que quando se lê um relatório. Eu pergunto para Dona Zizi se ela sabe sobre a quantidade de pessoas que sofrem de câncer em Tangará da Serra. “Eu não sei o número exato, mas aqui no Antonio Conselheiro eu sei quantos estão doentes. Pensa nas várias pessoas que a gente viu hoje.”



# A estrada da soja

A BR-163 corta o estado do Mato Grosso e interliga a capital do estado, Cuiaba, com a cidade de Santarém no Pará. Distante três quilômetros da estrada, na região norte do Mato Grosso, está o assentamento 12 de outubro.

Marie Hella Lindberg

Eu estou a caminho do meu segundo intercâmbio, e fui recebido pelo coordenador do projeto na cidade de Sinop, que se encontra no norte do Mato Grosso. Saindo do caos urbano é possível notar o domínio exercido pelas empresas ligadas ao agronegócio, entre elas a Amaggi, Cargill, Bunge, Dreyfus e ADM. Depois de alguns quilômetros de viagem, encontramos enormes fábricas que preparam e processam a soja e o milho para serem transportados aos seus destinos, essas fábricas aparecem antes mesmo de avistarmos as terras onde esses grãos são produzidos

Apesar de a estrada ser plana e bem conservada, o trânsito é lento. Isso acontece pela grande presença de caminhões que estão indo para o norte do país, em direção ao porto de exportação de Santarém. Depois de muitas ultrapassagens perigosas saímos da BR e entramos em uma estrada esburacada que nos leva ao assentamento 12 de outubro. Na chegada, eu abro o vidro e sinto o vento fresco da floresta amazônica que cerca o assentamento. O 12 de outubro e o MST representam, naquela região, um outro modelo de uso e aproveitamento da terra.

Ao chegar lá, fica claro que o MST possui uma percepção radicalmente

diferente daquele vista circulando na BR-163, onde o agronegócio transposta e promove seus produtos, de como a sociedade deve funcionar e se organizar.

A BR-163, que começa no sul do Brasil, funciona sem dúvida como uma das principais vias de escoamento da produção, passando pelo coração do agronegócio no Brasil, o Mato Grosso. Não seria nenhum exagero chamar essa BR de “estrada da soja” já que 23,5% da soja brasileira passa por ali. Todas as multinacionais ligadas ao agronegócio, entre Cuiabá e Santarém, tem grande interesse na produção que acontece ao longo dessa estrada. É nesse trecho de estrada que se encontra a base da exportação, e também toda a riqueza gerada através dessa atividade

No assentamento, eu morei uma semana com a família do Marcelo. Ele é professor na escola do assentamento, estuda pedagogia na universidade de Sinop, tem três filhos e nunca fica parado. Ele tem muitas opiniões sobre a luta que faz parte, e uma noite ele me fala: “Pensa que a gente está sentado aqui, no século 21, em um dos países mais ricos do mundo. Do nosso lado passa uma autoestrada, que transporta soja e outros produtos que saem do nosso estado para

serem exportados. Grandes quantidades de bens e riquezas passam ao nosso redor cada dia, cada hora, cada minuto. E apesar de tudo isso, nos estamos aqui, sentados no escuro, com apenas uma vela a nos iluminar. Se isso não é desigualdade, eu não sei o que é”.

Simbolicamente a “estrada da soja” tem grande importância para os moradores do assentamento 12 de outubro e para o MST. O bloqueio de estradas tem sido um dos meios mais, na luta pela terra, para pressionar seus adversários. Esses são representados pelo ICRA ou pela empresa que estão construindo uma grande usina hidrelétrica na região. Além disso, o bloqueio é um protesto direto contra o modelo desigual de ocupação e uso da terra que domina a economia do Mato Grosso. Esse modelo de uso e ocupação da terra promove a produção em grande escala em extensões de terra gigantescas, o uso excessivo de agrotóxicos, além de sua produção ser majoritariamente destinada para a exportação. Esse setor usa quase exclusivamente máquinas na produção, fazendo dessa indústria uma atividade “sem mãos”, sem trabalhadores.

Além disso, esse aumento da agricultura monocultural faz ainda mais pressão sobre a floresta amazônica e outros ambientes ricos em diversidade biológica, fortalece a concentração de terra na mão de poucos e força o deslocamento de pequenos agricultores e populações indígenas. Quando se olha para o mapa do ter-

ritório do Mato Grosso é impossível não notar que a população indígena foi enxotada das terras que cercam a BR-163, há porém grandes plantações de soja, milho e algodão.

Além de vários casos de expulsões de terra, existem vários casos de fazendeiros que compraram terras que são por direito de populações indígenas, para poderem cultivar extensões de terra ainda maiores. Os territórios indígenas no Mato Grosso, são assim, mais um exemplo de como as

“Grandes quantidades de bens e riquezas passam ao nosso redor cada dia, cada hora, cada minuto. E apesar de tudo isso, nos estamos aqui, sentados no escuro, com apenas uma vela a nos iluminar. Se isso não é desigualdade, eu não sei o que é”.

pessoas ficam em segundo plano em relação ao lucro. Os caminhões super carregados que

passam pela trevo do 12 de outubro vão continuar a transportar as riquezas para fora do Mato Grosso. Um crescimento econômico baseado na monocultura, que exclui a grande maioria da população, não vai acabar tão cedo. A BR-163 vai continuar sendo um canal de escoamento de commodities para o grande capital.

Mesmo assim é preciso ter esperança que um dia as bandeiras do MST, que tremulam com o vento produzido pelos caminhões que passam, ganhem cada vez mais espaço ao longo da “estrada da soja”.

Que a família do Marcelo receba acesso à energia elétrica, e que eles possam sobreviver trabalhando no seu próprio pedaço de terra. Nesse dia talvez, os princípios do MST, de uma divisão mais justa da terra e de uma sociedade mais igualitária possam enfraquecer a dominação do agronegócio.



# Soja

## - do Brasil para a Noruega, por quê?

Ingrid Imingen

A Noruega tem aproximadamente 5 milhões de habitantes. A Noruega tem o tamanho da metade do Mato Grosso e apenas em 3% desse território pode ser usado para a agricultura. A Noruega é um país montanhoso e com grande variação climática entre o norte e o sul do país. Tradicionalmente a Noruega é um país com uma baixa densidade demográfica. Pessoas escolheram habitar em todos os cantos do país, do oeste ao leste, do norte ao sul. O país tem praticado agricultura familiar a muito tempo, e na Noruega nos temos algo que se chama "odelsrett", isso significa que é o primeiro filho ou filha que vai ter o direito de herança da propriedade rural da família. Essa regra está na nossa constituição, e é uma característica muito particular da Noruega. Antigamente todos as propriedades rurais produziam um pouco de tudo, do leite as batatas, da

maçã ao mel, das amoras as galinhas. Tradicionalmente todos ajudavam no cultivo da terra, inclusive dentro do calendário escolar foi criada as férias de outono (em outubro, no outono norueguês) que foram criadas porque os agricultores precisavam de ajuda na colheita das batatas. As crianças deveriam ajudar na colheita das batatas, assim ajudando a no orçamento da casa. O nome "férias de batata", usado antigamente, perdeu seu uso depois que as máquinas tomaram o lugar das pessoas no cultivo, sendo hoje chamadas de férias de outono.

Se por um lado o desenvolvimento trazido pelas máquinas trouxe facilidades para o trabalho na agricultura, por outro lado trouxe desemprego, diminuindo a necessidade de mão de obra para o trabalho no campo. As propriedades rurais acabaram optando por se especializar mais e

passaram a produzir mais de apenas um produto. Isso levou a produção de ração animal concentrada, que faz os animais crescerem mais rápido e produzirem mais. Essa ração enriquecida contém grãos, gordura, proteína, vitaminas e minerais, tudo o que os animais, e é claro, as pessoas precisam. Antigamente era usado farinha de carne e osso (restos de animais) na ração, que aumentava a quantidade de proteína na ração. Depois de alguns casos da doença da vaca louca essa técnica de uso de restos de animais na ração foi interrompida em vários países, pois se acreditou que seria a causa da doença. Essa proibição criou uma grande demanda por proteína no mercado mundial, promovendo a soja como um ótimo candidato para suprir essa necessidade.

A planta é rica em proteína e gordura o que a torna a solução ideal. A soja pode ser cultivada em um clima tropical ou em clima subtropical, e esses climas são encontradas na região ao redor da linha do Equador. Em que parte do mundo que se encontra o Mato Grosso? Abaixo da linha do Equador, perto da floresta amazônica e na zona tropical perfeita para o crescimento da soja. Foi dessa maneira que se criou a grande demanda por proteína de soja no mercado mundial tornando a soja como a solução ideal para suprir essa demanda. O Brasil se tornou em um grande produtor do produto, mas será que essa produção é uma atividade sustentável?

A soja importada pela Noruega é usada na alimentação de animais. É muito mais barato comprar a ração

para a criação dos animais do que produzir essa ração. Isso cria um problema para os agricultores noruegueses, pois os torna cada vez mais dependentes da importação de matéria prima de outros países. Alguns animais na Noruega são alimentadas apenas com esse tipo de ração. Um frango produzido na Noruega vive em média 29 dias, e se alimenta apenas de ração, 40% da alimentação de uma vaca leiteira é ração. Suínos também são alimentados quase que exclusivamente por ração.

A muito tempo a Noruega tem sido auto-suficiente na produção de grãos, mas nos últimos anos tem sido mais barato importar de outros países do que produzir aqui. Uma das consequências disso é que as melhores terras para o cultivo de alimentos se encontram ao redor das cidades e estão sendo ameaçada pela expansão dos centros urbanos. Ao mesmo tempo que se torna menos lucrativo trabalhar e produzir a terra, se torna mais lucrativo construir algo em cima dessa terra. A construção de grandes shoppings centers e prédios está acabando com as áreas que podem ser usadas para a agricultura na Noruega, e como já foi escrito aqui, essa área representa apenas 3% do país.

A soja não é apenas um problema no Brasil, onde os pequenos agricultores tem sua produção destruída pelo uso de agrotóxicos. A soja é também um problema para os agricultores noruegueses, que constantemente são pressionados para produzir alimento mais barato. Agricultores na Noruega e no Brasil precisam se unir, para lutar pela agricultura familiar!

# Um por todos! Todos por um!

Vivas para a Sylvi! Adivinhe quem vai te contar algumas coisas sobre o tipo de agricultura que você deseja na Noruega. Eu acho que você deveria dar um passeio pelo Mato Grosso e ver o tipo de consequências que esse modelo possui.

Kaur Grønlien

É um pouco difícil acompanhar a mídia norueguesa quando se está no interior do Brasil. É preciso colocar mão na massa e não sobra muito tempo para se preocupar com a mais nova bobagem que os políticos noruegueses estão interessados. De maneira que é muito bom chegar em um local com internet, para então poder usar um pouco de tempo para dar risada das tolices que acontecem na nossa terra natal. Aqui estamos, lutando pela terra, alimento e dignidade, enquanto na Noruega se discute se o governo deve autorizar as pessoas a produzirem bebidas alcoólicas nas suas casas ou se o comitê de ética deve ser encerrado. Eu não fico nem um pouco surpreso que o mundo esteja do jeito que está quando o bom senso e as boas maneiras não são levadas a sério pelos ricos e poderosos.

Mas quando o governo apresenta uma política vergonhosa de assentamento rural, espalha-se a inquietação e a turbulência no coração do Brasil agrícola. Os agricultores noruegueses estão furiosos com seus magistrados, pois esses não estão dispostos a tomar responsabilidade

pela proteção da produção de alimentos, dos pequenos vilarejos, da natureza, segurança alimentar e todo aquele absurdo que um governo traz. Um indignação justificada, que se manifesta nos celeiros queimados e que chega nas ameaças de evitar a entrega de ovos, sabotando assim o 17 de maio (feriado nacional norueguês). Essas reações, na verdade, não causam espanto. A política agrícola norueguesa é considerada como algo ultrapassado. Como se essa política estivesse lá apenas para atrasar o inevitável, o fim da agricultura norueguesa em detrimento das importações.



Parte do trabalho da brigada é divulgar informações sobre os seus aorendizados em Brasil. Aqui Hedda e Ida estão fazendo uma entrevista para um video.

Os agricultores noruegueses são descritos como parasitas que caminham com seus olhos tapados enquanto gananciosamente mastigam os impostos da população. Não é estranho que as pessoas ficam aborrecidas quando se recebe insultos de todos os lados. Em uma sociedade onde as todos são extremamente preocupados com o preço de tudo, mas não com os princípios e a dignidade.



Eu entendo que nem todos podem saber tudo sobre todas as coisas, mas eu acho que é coerente esperar que aqueles que apresentam proposições para a continuidade da política agrícola norueguesa devem saber do que estão falando.

Eu não acredito que os milhões de pequenos agricultores brasileiros estejam muito impressionados com o orçamento apresentado pela Sylvi Listhaug<sup>1</sup> e sua turma, propostas que pelo que eu entendo vem a somar. Eu entendo que nem todos podem saber tudo sobre todas as coisas, mas eu acho que é coerente esperar que aqueles que apresentam proposições para a continuidade da política agrícola norueguesa devem saber do que estão falando. Com muito mais consumo na Noruega, com maior importação de soja para alimentar as vacas, porcos e frangos noruegueses. O que é que vocês estão fazendo no país mais rico do mundo? Vocês tem idéia das consequências dessa política? Essas são algumas das perguntas que os agricultores que nos visitamos poderiam ter perguntado para os mandachuvias do governo. O Mato Grosso colhe oito por cento da produção de soja mundial, isso é praticamente toda a soja consumida na Noruega. Essa cultura tem uma

<sup>1</sup> Sylvi Listhaug é a ministra da agricultura norueguesa

forma de produção que traz consigo enormes consequências. O Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo. No Mato Grosso esse consumo é maior ainda, também são altas as taxas de câncer outras doenças entre aqueles que trabalham nas plantações e habitam as áreas próximas. Além disso, essa atividade não cria empregos, pois extremamente

problemática para as populações indígenas, que tem seus territórios destruídos pelas plantações. Isso tudo conduz a uma contínua concentração de terra, que torna o Brasil em um dos países com as piores taxas de acesso e divisão da terra. Esse modelo de produção de soja, que acontece hoje no Brasil, produz grandes problemas sociais, ecológicos e de saúde.

Eu entendo que nem todos podem saber tudo sobre todas as coisas, mas eu acho que é coerente esperar que aqueles que apresentam proposições para a continuidade da política agrícola norueguesa devem saber do que estão falando. Por exemplo, eles devem saber que separar a produção norueguesa dos recursos noruegueses não é uma boa idéia. Que as decisões tomadas na Noruega podem ter consequências sérias fora das fronteiras do Reino da Noruega. Que maior nem sempre é melhor. Que comida não é poder. Não me estranho que as pessoas fiquem furiosas.

Lutar!

# Qual é a luta que dividimos?

Os problemas que nos confrontamos não são os mesmos, mas será que eles não tem a mesma origem?

Ingrid Imingen

Mesmo morando na Noruega nos também temos dificuldades, assim como os que moram no Brasil também tem as suas. Sim, eu acho que todos as pessoas do mundo tenham seus problemas e dificuldades.

Na Noruega a solidão é um problema que está crescendo. Dentro das atividades físicas a diferença é grande: os que se exercitam, se exercitam cada vez mais, e aqueles que não praticam esportes, continuam a não fazer esportes. As pessoas se mudam do campo para a cidade. No Brasil existe uma grande diferença entre ricos e pobres, e muitos não são contemplados com os direitos básicos. Dois países diferentes, cada com suas dificuldades, muitos maiores que os exemplos nomeados.

Nós vivemos em um mundo globalizado, pode-se viajar para a Índia e encontrar um McDonalds lá, pode-se ir para o Canadá e encher o tanque em um posto Shell, ou você pode visitar a Noruega e beber café do Starbucks. Os custos do transporte diminuíram e a comunicação está

cada vez mais rápida.

Eu sempre achei muito interessante como o mundo está conectado, e não foi antes de eu trabalhar como guia na Uvdal Stavkirke, no verão de 2012, que eu percebi como o pequeno vale, de onde eu venho, é um lugar muito internacional. Um crucifixo de Limoges na França, uma pintura de algo que parecia pimentões e uvas e lá no topo entre as fileiras de bancos está a propriedade rural chamada "Imingen". Eu nem posso imaginar quem já passou pela igreja, que esta no Nordmannsslepa que interliga o oeste ao leste do país. Eu não posso acreditar que em algum lugar ao longo daquele caminho existem pimentões que cresceram naturalmente, ainda menos no século 17.

O nome Brasil vem do Pau-Brasil, a árvore foi a primeira coisa que os portugueses enviaram de volta para a Europa depois que eles chegaram no Brasil no ano de 1500. A falta de ouro desespionou os colonizadores, mas a árvore de coloração avermelhada podia ser usada na confecção

de pigmentos, que eram um produto raro e caro na Europa durante aquele período. Hoje esse tipo de árvore está em vias de extinção.

Os bancos na stavkirke não são mais usados, mas a fazenda Imingen ainda está em uso. A terra do meu lar é fértil, tem muita rabarbara, 10 groselheiras, 2 amoreiras, framboesas e um pouco de cebolinha. Antigamente tínhamos batatas, mas faz bastante tempo. Nos também tínhamos galos, mas não temos mais. Temos menos vacas que antigamente. Não vale a pena. Mas é do abate do gado que nos sobrevivemos e ganhamos dinheiro.



Uvdal Stavkirke na Noruega, igreja do fim dos anos 1100, com a cor de vermelho.

É muito mais lucrativo trabalhar na ambulância em Hallingdal do que produzir alimento em casa. Da mesma maneira, é muito mais lucrativo para o Brasil exportar soja para a Noruega do que deixar os pequenos agricultores trabalhar a terra e produzirem uma variedade de alimentos. A balança comercial agradece. Na Noruega não queremos soja transgênica, e esse tipo está cada vez mais raro... agora existe apenas no estado do Mato Grosso, e lá que nos vamos ficar na nossa estadia.

De volta as nossas dificuldades. No Brasil, cada pessoa ingere 5,2 litros de agrotóxicos por ano. No Brasil são usados 20 agrotóxicos que são proibidos na maioria dos países. Cada vez mais a soja é transgênica, sem que saibamos as consequências que o consumo desse tipo de alimento pode trazer a longo prazo. Tudo tem que crescer loucamente rápido. Um frango noruegues vive aproximadamente 30 dias antes de chegar pronto e grelhado nas prateleiras do mercado. Até lá ele só comeu ração.

Tudo está em um ritmo frenético. Esquiadores, ciclistas, nadadores sempre querem ser os mais rápidos. Tem sido sempre assim nos esportes e nas competições. Para manter esse ritmo, alguns recorrem a métodos ilegais, o objetivo é fazer o melhor possível. Mas será que a nossa comida tem que ser produzida tão rapidamente? Será que esse processo pode ser tão rápido? Será que não temos tempo para esperar a grama crescer? Os frangos não podem ter mais tempo? O que aconteceu?

Qual é a luta que dividimos? O que causa todas essas dificuldades.... doping, solidão, estresse, ideal de beleza, pobreza, fome, poluição, asma, câncer?

É pouco tempo? Pouco dinheiro?

Não sei se a cor vermelha da Uvdal stavkirke vem do Brasil, mas com certeza isso deixou algo muito bonito. Se a soja do Brasil deixa algo de bonito, não é em Uvdal que vamos encontrar a resposta. Porque não é em Uvdal que encontramos uma terra exaurida e agrotóxico ilegal.



Nos assentamentos, a brigada organizou uma noite cultural com comida típica de Noruega: batatas, purê de repolho e bolinhas de carne.



Ida da brigada, aprendendo tirar leite no assentamento.



O 1º de abril de 2014, em Brasil foram comemorados os 50 anos do golpe militar e o início dum período com o regime autoritário e repressivo. Levante Popular da Juventude fez uma bandeira para lembrar alguns daqueles que foram mortos durante este período.



Depois de quatro meses no Brasil, temos aprendizados inesquecíveis de todas as grandes pessoas que conhecemos. Queremos dar um grande agradecimento a todos os nossos camaradas que acolheu-nos e compartilhar suas histórias conosco. Em particular, aos militantes da Escola Florestan Fernandes, Cecapi Olga Benário em Mato Grosso, a secretaria do MST em Cuiabá e as pessoas adoráveis que fomos conhecendo, colaborando e compartilhando com elas durante nossa estadia no Brasil.



▲ A brigada estava presente na reunião entre os assentados no assentamento do MST 12 de outubro e representantes das empresas que estão construindo barragem próximo que causará inundação no assentamento. MST reivindica uma compensação adequada pelos afetados e eletricidade para o assentamento.



Barraca do MST na ocupação Cássio Ramos, no Mato Grosso.



Bendik, Maressa Rebecca Lins e seu papagaio no passeio no moto no Mato Grosso. ►

#### Gostaríamos agradecer especialmente:

- Escola Nacional Florestan Fernandes
- Delegação de Mato Grosso no VI Congresso Nacional do MTS
- Quilombo Caçandoca
- Comuna Urbana Don Helder
- Olga Benário, Cecapi do MST em Mato Grosso
- Secretaria estadual do MST em Cuiabá
- Assentamento 12 de outubro, Mato Grosso
- Assentamento Margarida Álvarez, Mato Grosso
- Assentamento Roseli Nunes, Mato Grosso
- Assentamento Antonio Conselheiro, Mato Grosso
- Acampamento Che Guevara, Mato Grosso
- Acampamento Cássio Ramos, Mato Grosso
- Acampamento Silvio Rodrigues, Mato Grosso
- Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)
- Levante Popular da Juventude
- Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST)
- Comitê Popular da Copa de Cuiabá
- Acampamento A copa do povo, Sao Paulo
- Comissão Pastoral da Terra (CPT)
- CIMI Mato Grosso
- FORMAD, MT
- Recid
- Secretaria Nacional do MST em Sao Paulo



## **Latin-Amerikagruppene i Norge (LAG)**

O Comitê Norueguês de Solidariedade com América Latina (LAG)